

HABITAR O MOVIMENTO, HABITAR AS CÂMERAS Que lugar-escola emerge das e nas filmagens de crianças pequenas?

Wenceslao Machado de Oliveira Junior
Faculdade de Educação/Unicamp
wences@unicamp.br

Resumo

Nas filmagens feitas por crianças pequenas habitamos o movimento. O gesto delas não é de filmar, mas de camerar. Corpo, câmera e espaço já não têm fronteiras, fazendo emergir um lugar oscilante, acontecimental, não representável.

Palavras-chave: crianças pequenas; corpocâmera; camerar; lugar

“Criança não para, né?”. Não, não para. Dificilmente vemos crianças pequenas paradas. Quando param, normalmente, estão diante de algo que as fascina, captura, exige muita atenção. Assim as vemos diante das telas, sejam as pequenas, dos celulares, sejam as médias, das tevês, sejam as grandes, das salas de cinema. Diante disto, uma pergunta tem nos perseguido em nossas experimentações com cinema em escolas de Educação Infantil: um dos motivos das paralisarem seus movimentos diante das telas seria porque as imagens que veem foram feitas por corpocâmeras parados? Dela se desdobra outra pergunta: estar parado é estabilizar não só o corpo, mas também o espaço, o lugar configurado com e por este corpo?

Cabe dizer que estas perguntas nos surgiram associadas às pesquisas e escritos de César Leite que, em um de seus artigos afirma:

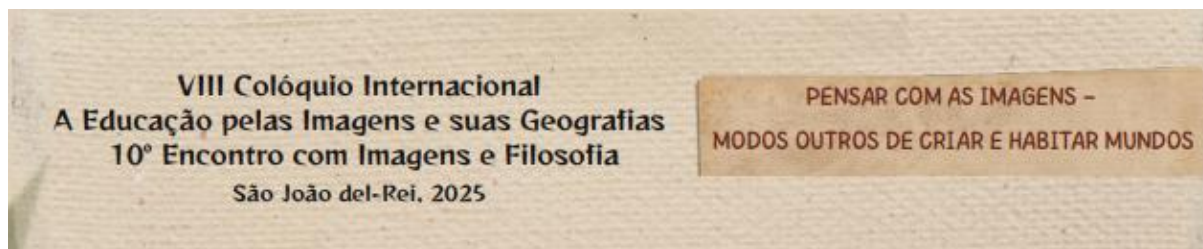
As crianças, pelas imagens, nos mostram que as câmeras não são usadas para filmar, para fotografar, mas como que para brincar. As câmeras desaparecem como equipamentos e reaparecem como corpos. São, assim, usadas para explorar. As câmeras não são mais meio, mas sim extensão do corpo, as câmeras e as imagens são formas e modos de explorar o meio, as espacialidades e as temporalidades. São corpos explorando, montando e sendo montados. (Leite, 2019, p. 167)

E, mais a frente, no mesmo artigo aponta que

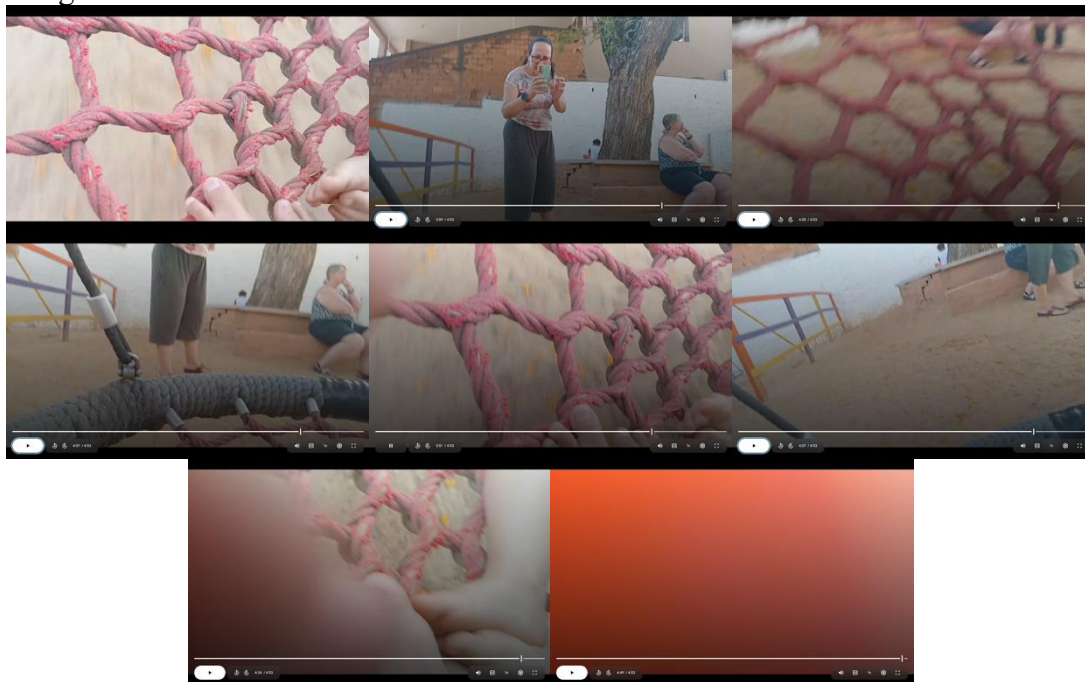
[o]s corpos das crianças se misturam, buscam espaço, criam espaços, exploram o espaço. Os corpos das crianças rompem, nos movimentos, os espaços dos próprios corpos identitários, misturando braços, pernas, atravessando os sons, criando ruídos marcados por palavras, risos, verdadeiros corpos sem órgãos.

Os espaços vão aos poucos sendo fissurados por espacialidades que criam fluxos e escapam àquilo que é previsto nos modos de pensar as crianças, a escola, as imagens que ali se apresentam e as imagens que as crianças apresentam em suas capturas através dos equipamentos, das tecnologias. (idem, p. 169)

Se estas perguntas nos perseguem, podemos também persegui-las. Faremos isto neste breve texto, mas não focaremos nas imagens vistas pelas crianças nas telas, mas naquelas que são feitas por elas quando se tornam corpocâmeras ao terem nas mãos celulares que filmam. Este tem sido um de nossos dispositivos nas filmagens que tomaremos como matéria-prima para perseguir estas perguntas, realizadas em 2024 durante a pesquisa *Cartografia dos afetos cinematográficos no lugar-escola de educação infantil - entre o humano e o não humano, entre o registro e a arte* (Fapesp 2021/11398-1).



Na impossibilidade deste resumo nos colocar diante das filmagens, distribuí ao longo dele fotogramas delas.



O enorme conjunto de mais de duzentas filmagens de curta duração foi organizado em um arquivo digital - <https://unleashed-tractor-eba.notion.site/184b401f6b1580dbae73c77b8f624ad8?v=184b401f6b15819fbef8000c8c4a9a03> - que se configura como uma planilha em que estão classificadas em cinco grandes categorias: modos de fazer cinema; gestos particulares identificados; qualidades técnicas da filmagem; local da filmagem coisas que aparecem nas filmagens. Cada filmagem pode entrar em várias categorias. Nosso foco será na categoria “gestos...” e, dentro dela, as filmagens realizadas em quatro que se efetivam como movimentos distintos: correr, escorregar, girar e balançar. Foram 31 filmagens correndo, 7 escorregando, 4 girando e 2 balançando.



VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

O primeiro a dizer destas imagens é que elas apontam aquilo que César Leite (2018) diz aos 9min30seg que “as imagens que as crianças produzem parecem indicar uma absoluta despreocupação com a representação e o sentido”, fazendo com que elas se desloquem do campo da representação e se aproximem do campo do acontecimento, no sentido dado por Gilles Deleuze (2011), como aquilo que se manifesta como uma rede de conexões e devires, distinguindo-se da proposição e da mensagem.

Portanto, não busquemos nestas imagens uma representação do lugar-escola, mas a rede de afetos que ativaram os pequenos corposcâmeras a realizarem os gestos brincantes que fizeram emergir filmagens oriundas do gesto de “camerar”, termo criado por Fernand Deligny:

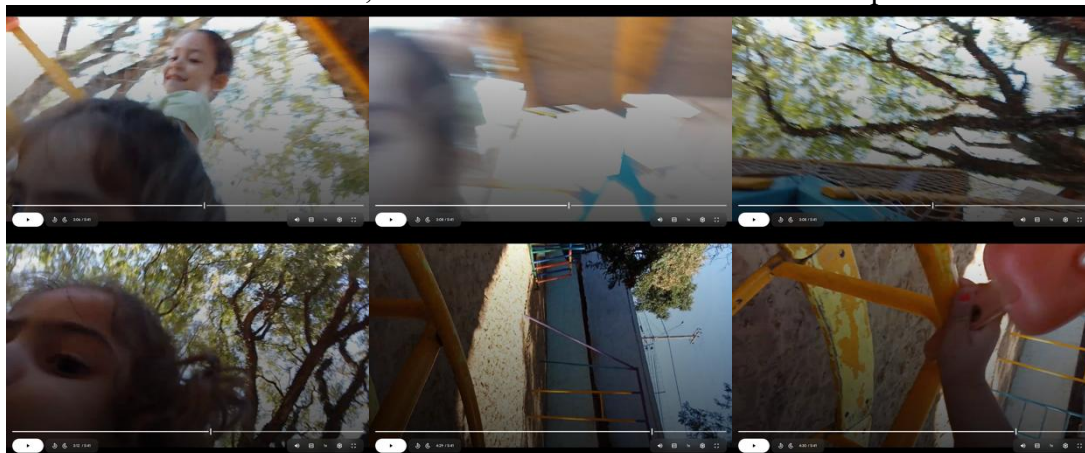
o conceito camerar [...] está muito mais relacionado à ação de captar as imagens do que propriamente o fechamento em uma obra [...] faz tremular a representação em direção a um agir-imagem desinteressado.

[...]

No limite, trata-se disso, filmar como se já não houvesse um filme a ser feito, somente presenças, intensidades, volumes: camerar. (Migliorin; Pipano, 2019, p. 149 e 156)

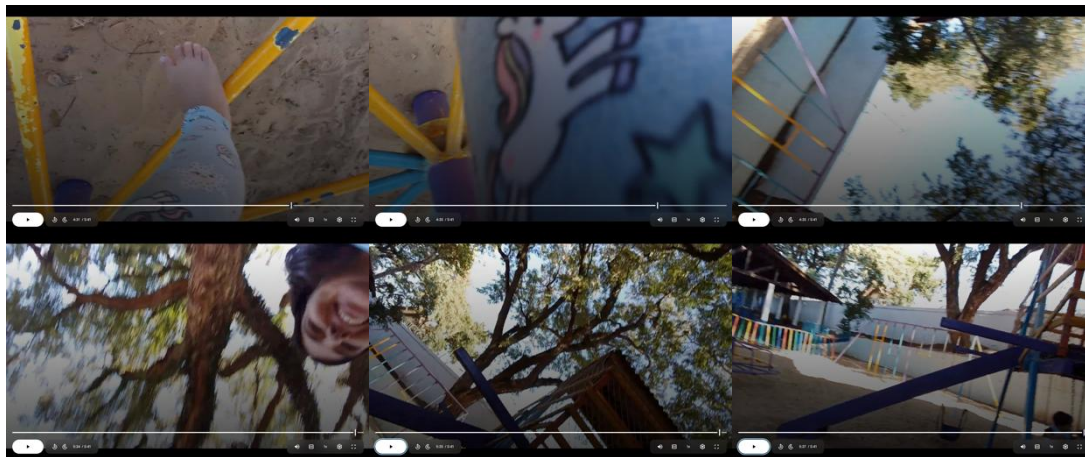
Importante lembrar que, no gesto de camerar, estas presenças, intensidades e volumes não se fazem sentir somente naquilo que vemos nas filmagens, mas também naquilo que não está visível, mas se torna sensível principalmente, no caso das imagens focadas aqui, pelos movimentos realizados pelos pequenos corposcâmeras. Movimentos estes gestados pelos afetos e trajetos do e no lugar-escola em que estes corposcâmeras agem. Que lugar-escola emerge deste camerar das crianças pequenas?

Um lugar oscilante, para corpos e pensamentos. Nele, os trajetos e os afectos remetem um ao outro (Deleuze, 1997), os pequenos corpos das crianças são habitados pelo movimento e o movimento passa a habitar as imagens, fazendo com que o céu e o chão estejam a um segundo de distância, que o ir e vir seja interrompido por um dedo que entra e envermelha tudo, que um brinquedo chama um corpocâmera para experimentar-se ali, sendo a câmera-celular um brinquedo que se carrega, como uma pá. Se “[a]s câmeras não são mais meio, mas sim extensão do corpo”, conforme afirmou César Leite, os corpos também já não são mais isolados do meio, eles reverberam as presenças, os volumes e as intensidades que habitam este lugar, afetando-o e ativando tudo a movimentar-se, conectar-se entre si e entrar em devir: puro acontecimento.



VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS



Para além disto, nestas filmagens, em que o chão aparece tanto, é “[c]omo se o mero encurvamento do corpo em direção ao chão deslocasse o pensamento e tirasse a nossa vista da posição hierarquicamente superior, totalizante, do corpo ereto” (Nobre, 2022, p. 93).

Para finalizar, acrescento às perguntas anteriores, duas outras: conseguiremos, mesmo nós, pessoas adultas, ficar paradas, eretas, diante destas imagens? Nossos corpos, nossos lugares, não irão oscilar?

Referências:

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LEITE, César. **Entre Faces: infância, devir-criança e educação**. (vídeo). 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vsWiJqihRw> Acesso em 23 jul 25.

LEITE, César. Pesquisa-experiência: relatos, corpos e acontecimentos. **Revista Digital do LAV**. vol. 12, n. 3, p. 153-171, set./dez. 2019

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac. Camerar um ponto de ver: a pedagogia das imagens em Boa Água. **Rebeca**. vol. 8, n. 1, p. 143-157, 2019.

NOBRE, Ana Luiza. Aproximar-se do chão. In: MOULIN, Gabriela *et. al.* (Org.). **Habitar o antropoceno**. Belo Horizonte: BDMG Cultural/Cosmópolis, 2022.